

'secundárias' e posteriores. Enquanto a defesa primária contra o sentimento de inferioridade estabelece o ambicioso ideal do ego compensatório, nas defesas posteriores e em suas precauções contra as transgressões perigosas do sentimento de inferioridade, as intenções instintuais originais claramente se recolhem nessas formações de compromisso. Sem dúvida, estes são meios puramente femininos para o invariável objetivo final masculino e só parecem independentes ao observador superficial. Mas a questão é saber se essa concepção dessas defesas como simples meios não é igualmente superficial e se elas não são apenas máscaras, mas, na realidade, máscaras de máscaras. Ou seja: se, ainda que o ideal do ego julgue que está servindo-se delas para fins simbólicos, elas na verdade não estão fazendo uso do ideal do ego como uma imagem ou uma metáfora, a fim de alcançar seu objetivo.

Acho a interpretação simbólica da sexualidade, tal como Adler a descreve, muito convincente — contanto que seja entendida como um processo recíproco, ou seja, um procedimento idêntico do ponto de vista da sexualidade e do ideal do ego, de modo que continuamos a construir nossa personalidade a partir de ambos os lados, com a assistência do elemento simbólico — que, de fato, é inevitável em qualquer situação, pois aflora das raízes do inconsciente dentro de nós. Parece-me que o que é geralmente chamado de 'normalidade' é esse processo físico em que ambos os lados ajudam-se e se beneficiam mutuamente com suas simbolizações, enquanto a doença ocorre onde eles se perturbam e se prejudicam. Por isso, fiquei encantada quando o senhor declarou recentemente (nas poucas palavras que pronunciou durante o debate após sua conferência)⁷ que a sua última formulação dessas questões equivalia ao conflito entre a sexualidade e o instinto do ego. Suas formulações anteriores faziam-no igualmente, mas podia parecer que o principal acento recaísse quase exclusivamente sobre o elemento sexual; na realidade, ele sempre recai sobre o 'reprimido', ou seja, sobre a ênfase conjunta ao fator repressor, e, portanto, ao próprio conflito. Apenas, como as investigações originais se basearam no estudo da histeria, o quadro clínico em questão era completamente dominado pelas formas substitutas sexuais; poder-se-ia dizer, certamente, que este era um tipo de quadro

clínico em que a repressão havia sido menos bem sucedida e em que a sexualidade constantemente prevalecia, por mais distorcida que fosse sua forma.

Na neurose obsessiva, por outro lado, a inibição é mais visível, porquanto amor e ódio estão em conflito e um ou outro sempre triunfam momentaneamente. Nas verdadeiras psicoses, a 'neurose do ego' só pode ser entendida como a vitória relativa do ego sobre a sexualidade; na paranóia, o ego ainda mantém uma relação, mesmo que seja uma relação de ódio e de medo do ódio, com o mundo exterior; e, na demência, a luta está realmente encerrada e a ponte que pode ser construída pela simpatia já foi rompida. A atividade sexual, quando ainda ocorre, tem de ser então confinada ao próprio ser, embora esta regressão às formas auto-eróticas infantis signifique quase o oposto do que querem dizer na criança. Pois, uma coisa é não ter ainda entrado na posse de si mesmo como sujeito e outra bem diferente é ter sido posteriormente privado do seu objeto e, com isso, de todos os limites diferenciadores.

Penso que se deveria tomar muito cuidado ao comparar o indivíduo patologicamente retraído com o homem 'primitivo', mesmo quando sua maneira de pensar produz idéias análogas. O primeiro chega a essas idéias num estado de desintegração interior, enquanto no caso do homem primitivo, essas idéias, apesar de sua elaboração mais ilógica, plástica, 'de caráter onírico', são afinal o resultado vivo da ação recíproca sadia da sexualidade e da inteligência. Acredito que essa ação recíproca, a despeito das formas amplamente diferentes que assumiu — mais ou menos saudáveis ou patológicas, carregadas de conflito ou produtivamente harmoniosas —, prosseguiu em todas as épocas seguindo as mesmas linhas típicas que hoje segue.

Portanto, acredito também que o que chamamos de 'sublimação'⁸ não é apenas um simples produto da civilização, um simples desvio gradual do sexual para o intelectual, mas sempre esteve presente sob a forma de um ajustamento frutífero dos dois. Assim como a neurose surge como uma perturbação recíproca de ambos, do mesmo modo, a 'sublimação', sem nenhuma conotação realmente negativa, pode significar saúde, ou seja, uma união criativa dos dois. Não considero as concessões mútuas feitas nesse processo como inerentes à natureza do caso; afinal, toda realização intelectual e cultural é irreal e ilusória,